"EL ARZOBISPO DE LA REVOLUCIÓN": AS CRÔNICAS DE UM DETRATOR, UM JORNAL DEFENSOR E A "AUTODEFESA" DO BISPO

Cícero Williams da Silva[1]
José Romélio Rodrigues dos Santos Júnior[2]

RESUMO: No Brasil, a partir do final de 1968, assistimos ao recrudescimento do regime militar com o AI-5. Teve início o período mais sombrio, chamado de "anos de chumbo". Dom Helder Camara, então arcebispo da Arquidiocese de Olinda e Recife, com as bandeiras da não violência, da justiça e da paz, resistiu às ações truculentas dos que, sob o pretexto de defesa da ordem e da segurança nacional, perseguiram, silenciaram e eliminaram os considerados "subversivos". Por nunca ter sido uma unanimidade, o religioso encontrou, por um lado, apoiadores, por outro, críticos. Assim, no artigo problematizamos o conteúdo encontrado nos documentos que foram selecionados, a partir de temas comuns que os perpassam. As fontes impressas datam de 1968 a 1971. São elas: 1. crônicas de Nelson Rodrigues, publicadas no jornal *O Globo*; 2. entrevista ao jornal *O Pasquim*, dada pelo arcebispo de Olinda e Recife; 3. argumentos de Dom Helder, registrados no livro *Revolução dentro da paz*, na seção *Cristianismo, comunismo e democracia*. Como aporte teórico-metodológico, fizemos uso, no campo da história, do conceito de lugares de memória, de Pierre Nora. Por fim, nossa investigação contribui para o conhecimento acerca do Dom, e nos leva a considerar que, no Brasil, ainda hoje, aqueles que se preocupam, preferencialmente, com os pobres e pensam a promoção humana das massas são, com frequência, pejorativamente considerados comunistas e "de esquerda".

PALAVRAS-CHAVE: Igreja Católica. Guerra Fria. Regime Militar.

[1] Doutorando e mestre em Ciências da Religião, e graduado em História pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.
[2] Graduando em História pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

1 INTRODUÇÃO

O estudo do homem no tempo não se limita a uma observação do passado; faz-se necessário, para além disso, uma problematização. Nesse sentido, mais do que restaurar memórias, precisamos reinterpretá-las. Por isso, aqui acessamos, no vasto universo de lugares de memória, algumas fontes impressas: científica, jornalística e cronística. Como elucidou Pierre Nora (1993, p. 13), os *lugares de memória* "nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos".

1.1 Uma breve contextualização histórica

As guerras mundiais do século XX trouxeram consequências diversas às nações, alterando a estrutura geopolítica do mundo. Como consequência dessas mudanças estruturais, assistimos à formação de dois grandes blocos, liderados, por um lado, pelos Estados Unidos da América (EUA) e, por outro, pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Nas décadas que se seguiram, vimos o aumento das tensões beligerantes, traduzidas na corrida armamentista, encabeçada por esses dois gigantes nucleares, e a ampliação do controle de território de influência político-ideológica – capitalismo vs. socialismo – , culminando em diversos conflitos, no que se convencionou chamar, segundo Antônio Cabral (1987, p. 4), de Guerra Fria.

Resultado direto dessa conjuntura global, a democracia brasileira amargou um golpe civil-militar, em 1º de abril de 1964. Uma ruptura institucional, com o afastamento arbitrário de um vice-presidente – João Goulart – que, eleito pelo voto popular, chegou à presidência após a renúncia de Jânio Quadros. Tal medida foi usada com o pretexto de salvar o Brasil da ameaça comunista e de restaurar a ordem.

Aquele golpe de estado, encabeçado pelas forças armadas, recebeu apoio, especialmente, de políticos ciosos pelo poder, das elites – latifundiários, industriais paulistas – insatisfeitas com as propostas de governo de Jango, de parte da classe média urbana, bem como da ala mais conservadora da Igreja Católica. Ou seja, as forças conservadoras reagiram aos projetos reformistas de Jango (AZZI, 1979, p. 240).

No desenrolar dos acontecimentos, no Brasil, chegamos aos anos finais da década de 1960 e início da década de 1970 – delimitação que nos interessa, uma vez que

este é o recorte temporal dentro do qual estão os documentos que analisamos. O período corresponde aos governos dos presidentes Costa e Silva (1967-1969) e Emílio Médici (1969-1974), com destaque às tensões geradas pelo Ato Institucional nº 05 (AI-05) e à postura do Estado que perseguiu, torturou, silenciou e assassinou cidadãos considerados subversivos; além disso, houve o fechamento de instituições e a negação de direitos políticos e civis. Como destacou Elio Gaspari (2014, p. 131), aquele foi um período de "aberturas" e de "endurecimentos".

1.2 Do Ceará para o mundo

Nascido em 07 de fevereiro de 1909, no Estado do Ceará, Helder Pessoa Camara foi o décimo primeiro filho de João Eduardo Torres Camara Filho e Adelaide Rodrigues Pessoa – o pai escolheu o nome ao passar os olhos em um atlas geográfico e ver, ao Norte da Holanda, um local chamado Helder. A sua família era culturalmente rica e compunha a classe média urbana da capital cearense.

Ainda adolescente, aos quatorze anos (1923), Helder ingressou no Seminário da Prainha, em Fortaleza, onde realizou seus estudos de preparação sacerdotal; recebeu, desde cedo, uma notória formação intelectual, através da qual entrou em contato com as literaturas brasileira, portuguesa e francesa.

Ao ser ordenado sacerdote, em 1931 – Helder Camara estava com vinte e dois anos, abaixo da idade mínima para ser ordenado padre, o que requereu uma autorização do Vaticano –, permaneceu no Estado do Ceará, por um curto período, atuando na Secretaria de Educação do Ceará e na militância político-partidária, participando, inclusive, da Ação Integralista Brasileira (AIB), vista como uma maneira de combate às ditas "ameaças à fé católica" (comunismo, individualismo, heresias, modernismo etc.).

Durante as décadas de 1930 e 1960, teve importante papel na cidade do Rio de Janeiro, pois, entre outras coisas, atuou na Ação Católica, fundou a Cruzada São Sebastião e o Banco da Providência, sendo ordenado bispo auxiliar do Rio de Janeiro (1952). Também foi um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), exercendo, entre 1952 e 1964, a função de primeiro secretário-geral.

Em 1964, ano do golpe civil militar, o religioso foi transferido para Pernambuco, na condição de arcebispo de Olinda e Recife. Destacou-se na luta contra o regime político vigente no Brasil ao denunciar as injustiças, as opressões e a propagação da violência existentes à época; em decorrência, foi por quatro vezes indicado ao Prêmio Nobel da Paz.

Nos exatos vinte e um anos do Regime, esteve à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife e, em 1985, aos setenta e seis anos, tornou-se arcebispo emérito.

1.3 A trajetória de um cronista

Nelson Falcão Rodrigues nasceu em 23 de agosto de 1912, no Estado de Pernambuco. Foi o quinto, dos quatorze filhos, de Maria Esther Falcão e Mário Rodrigues. Mudou-se, aos cinco anos, com a família, para o Rio de Janeiro e, bem antes de se destacar como dramaturgo, teve contato com o jornalismo e trabalhou, aos treze anos, no Jornal *A manhã*, de propriedade de seu pai; seu ofício, de início, foi o de repórter policial.

No jornal *Crítica*, também de propriedade de seu pai, aos dezessete anos, em 1929, viveu o episódio que marcou sua vida: o assassinato de seu irmão, Roberto Rodrigues, em plena redação, vítima de um disparo de arma de fogo. Dois meses depois, morreu seu pai. Tais acontecimentos, em boa medida, influenciaram a sua maneira de perceber o mundo e também incidiram em sua obra.

Em 1934, foi acometido de tuberculose e recuperou-se quatorze meses depois. Em 1936, teve uma passagem pelo *Jornal dos Sports* como comentarista esportivo; porém, nos anos que se seguiram, dedicou-se a outros veículos jornalísticos, como *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *Última Hora*, *Manchete Esportiva*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Contribuiu, assim, para a imprensa carioca, de forma regular, escrevendo contos, folhetins, artigos de opinião, correio sentimental, comentários esportivos e crônicas.

Para além do jornalismo, no teatro escreveu diversas peças, sendo *A mulher sem pecado* a sua primeira (1941) e *Vestido de noiva*, exibida pela primeira vez, em 1943, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, a que o consagrou como dramaturgo. Essas obras

são possuidoras, por assim dizer, de naturezas psicológica, mítica e trágica, de forma que marcaram o teatro brasileiro.

Naquele contexto de Guerra Fria, no mundo, e de ditadura militar, no Brasil, Nelson Rodrigues e suas crônicas são importantes para, entre outras coisas, fazermos uma análise da polarização política e ideológica existente na segunda metade do século XX, sobretudo quando o assunto perpassa a crítica a Dom Helder Camara, tema recorrente em seus textos publicados no jornal *O Globo*, sobretudo nos anos de 1970.

2 AS ACUSAÇÕES DE NELSON RODRIGUES E O PENSAMENTO DE HELDER CAMARA

Dotado de perfis político e religioso conservadores, o intelectual Nelson Rodrigues escreveu várias crônicas no jornal *O Globo*, que destacaremos aqui; nelas, Helder Camara é passível de comparações, enquadramentos de ordem político-ideológica e suspeição da credibilidade de sua imagem como cidadão, cristão e bispo católico. As críticas dirigidas pelo jornalista ao então arcebispo de Olinda e Recife foram bastante influenciadas pelo momento histórico em que ambos estavam inseridos: o mundo bipolar e a ditadura militar no Brasil.

Havia uma insatisfação por parte do regime militar brasileiro e de seus apoiadores – entre eles o dramaturgo Nelson Rodrigues – quanto à postura de Dom Helder frente à "Revolução de 64", principalmente no tocante aos seus discursos, sobretudo os proferidos em suas viagens internacionais. Acreditavam que o religioso tinha o interesse de criar uma imagem pessimista do país no exterior.

As opiniões do cronista a respeito de Helder Camara possuíam um tom forte e detrator, com claras discordâncias em relação a diversos temas debatidos à época. Assim, destacamos algumas delas para análise, extraídas de três de suas crônicas: *O arzebispo de la revolución* (*O Globo*, 25/09/68); *Os assassinos de Deus* (*O Globo*, 09/09/69); *O mártir sem martírio* (*O Globo*, 1º/06/70). Todas extraídas da coletânea de textos *A cabra vadia: novas confissões*, de Nelson Rodrigues.

Por outro lado, recorreremos à entrevista que o arcebispo de Olinda e Recife concedeu ao jornal *O Pasquim*[3], intitulada *Helder*, nº 40, de 23/03 a 1º/07/70. Além disso, analisaremos a seção *Cristianismo, comunismo e democracia*, da obra *Revolução dentro da paz*, de autoria do próprio Helder Camara, principal documento usado para compreendermos o seu pensamento no que tange aos temas abordados por Nelson Rodrigues em suas crônicas.

Objetivamos, dessa forma, criar uma contraposição entre as afirmações do cronista e as ideias do bispo.

2.1 Um arcebispo "ex-católico", um "comunista"

Nelson Rodrigues aparentemente não entendia – ou não queria entender – as preocupações e prioridades de Dom Helder. Além disso, a seu ver, o religioso estaria desvirtuando a fé católica. Dessa maneira, não havia apenas uma discordância político-ideológica, mas, sim, de pontos de vista da fé católica. Por isso, comentou:

> E novamente, agora em castelhano, aparecia d. Hélder. Ele começava na manchete: - "EL ARZOBISPO DE LA REVOLUCION." Em seguida, outra manchete, com a declaração do *arzobispo*: – "ES MÁS IMPORTANTE FORMAR UN SINDICATO QUE CONSTRUIR UN TEMPLO." Eis o que eu gostaria de notar: – na "Grande Revolução", os russos substituíram, nos vitrais, o rosto da Virgem Maria por um focinho de vaca. Jesus tinha a cara de boi, com as ventas enormes. Mas a "Grande Revolução" se faz contra Deus, contra a Virgem, contra o Sobrenatural, etc., etc. e, como se verifica em seguida, contra o Homem. Portanto, ela podia incluir Jesus, os santos, num elenco misto de bois e vacas. Mas um católico não pode agredir a Igreja com esta manchete: "Es más importante formar un sindicato que construir un templo." E se o nosso Hélder o diz, estejamos certos: – é um ex-católico e, pior, um anticatólico (RODRIGUES, 2016, p. 224-225).

Dizer que a formação de um sindicato seria mais importante que a construção de um templo, evidentemente, soaria como algo inaceitável para o jornalista, que, de pronto, buscou enquadrar Helder Camara como um revolucionário (comunista) e,

[3] Importante semanário brasileiro de caráter alternativo, foi editado entre 1969 e 1991. Entre outras coisas, ficou reconhecido pelo seu papel de oposição ao Regime Militar e tornou-se mais politizado à medida que se acirrava a repressão, quando exercia um papel de porta-voz da indignação social do Brasil.

portanto, ex-católico e anticatólico, pois, para Nelson Rodrigues, ao que parece, uma coisa anularia a outra. Afirmou:

> Para muitos brasileiros, Deus está morto. E para esses, para os "assassinos de Deus". Que limites, dúvidas, arrependimento poderão travar os "cristãos-marxistas", os "cristãos-sem vida eterna", os "cristãos-sem sobrenatural, os cristãos-sem Cristo? Falei da "Esquerda Católica". Um dia, ela terá de ser julgada (RODRIGUES, 2016, p. 184).

Marcá-lo como cristão sem vida eterna e/ou cristão sem sobrenatural, para Nelson Rodrigues, era, também, uma maneira de considerar Dom Helder materialista aos moldes do marxismo. Além disso, apontava para a "invasão" do comunismo no seio da Igreja. E, nessa mesma linha de "cristão sem Cristo", dizia que ao olhar para o céu o bispo queria apenas saber se iria chover ou não, pois nunca seria para contemplar a soberania de Deus. O cronista, em seu descontentamento, acreditava que a esquerda católica um dia teria de ser julgada, sobretudo por causa de lideranças tidas como marxistas.

Por sua vez, Helder Camara abordou o delicado tema catolicismo/comunismo de diversas maneiras. Como vemos, a seguir, em história por ele contada:

> No Canadá, quando aludia que alguns marxistas querem impor o materialismo dialético, então eu fui contestado por um jovem da linha chinesa, um maoísta, que me disse: "Mas que força moral tem você para reclamar contra uma interpretação dogmática de Marx? Você que pertence a uma Igreja que é incapaz de respirar fora do dogma?" [...] E respondi: "O mal não é ter dogma. Eu creio que qualquer um de nós tem seus dogmas. Porque ai daquele que não tem convicções. Convicções profundas. [...] o mal é pretender impor à força os seus próprios dogmas." [...] pertenço a uma Igreja que, desgraçadamente, durante séculos, fez a experiência dolorosa, através da Inquisição, de pretender impor à força os seus dogmas religiosos (CAMARA, 1968, p. 19).

Acreditava que o mundo ocidental havia criado e difundido, ao máximo, alguns mitos, entre eles a cruzada do anticomunismo e a crença nos Estados Unidos como país guardião da civilização cristã, da democracia e da liberdade. Para o arcebispo, essa mentalidade somente contribuía para cavar fossos entre o mundo socialista e o mundo

tido como cristão. Afirmava: "tenhamos a coragem e a objetividade de reconhecer que erros existem dos dois lados" (CAMARA, 1968, p. 65).

Fica claro, a partir de uma leitura atenta que, em nenhum dos documentos analisados, Dom Helder defendeu ser o socialismo ou o comunismo a solução para os problemas da humanidade. Tampouco assumiu a posição de um dos lados. A construção da narrativa que o rotula como "bispo vermelho", vai na contramão de suas declarações e ações pastorais. O que se constata, entretanto, é um cidadão do mundo preocupado com problemas socioeconômicos profundos nos chamados países subdesenvolvidos. Ele assegurou:

> Dentro dos atuais regimes não é possível uma maior humanização. Nem do lado capitalista nem do lado socialista. Do lado capitalista, não, porque o regime é, a meu ver, criador de misérias. É fabricante de miséria e opressão. Depois o que se quer fazer no neocapitalismo é somente ajuda sem coragem de ir à essência, de pensar em termos de justiça. Dentro do mundo socialista, os modelos socialistas que estão aí são também muito desumanos noutros aspectos. [...] querem impor à força seus dogmas. Então existe todo este clima de ditadura. A gente sabe das pressões existentes no mundo capitalista, mas afinal de contas, apesar das forças ocultas do poderio econômico, eu ainda consigo ir às universidades americanas e dizer verdades graves sobre os Estados Unidos. Eu vou ao Canadá, aos países do Mercado Comum Europeu. Agora, quando é que eu poderia ir dizer estas verdades em Moscou, em Pequim? [...] Eu acho tão desumanos os impérios capitalistas como os impérios socialistas do momento. Não vejo nenhum modelo que me tranquilize. Acho que em todos eles há um clima de ditadura, de suspeição, que eu considero irrespirável (CAMARA, 1968, p. 21).

E, mais uma vez, foi categórico quanto a esta guerra de narrativas, construída no âmago do mundo bipolar, no qual também estava envolvida a nação brasileira. Por isso, pediu:

> Basta de querer tratar o Brasil como atingido também de subdesenvolvimento intelectual. Deixou de ter sentido a leviandade de chamar de subversivo e comunista quem tem fome de justiça e de paz; quem se recusa a reduzir o mundo a duas únicas opções: capitalismo ou comunismo, como se não abraçar o capitalismo, ou discordar dos Estados Unidos, fosse sinônimo de abraçar o comunismo e de aderir à URSS ou à Cuba. [...] É facílimo agitar o anticomunismo contra todos

> os que, mesmo sem ligação nenhuma com o Partido ou com a ideologia comunista, ousam descobrir raízes materialistas também no capitalismo; ousam observar que, em rigor, não há mais socialismo e capitalismo no singular; usam fazer ver que o comunismo não é o problema social mais grave do mundo de hoje, de vez que mais grave e explosivo é o distanciamento, que só faz se agravar, entre mundo desenvolvido e mundo subdesenvolvido (CAMARA, 1968, p. 72-73).

Para Helder Camara, a solução para esse impasse seria uma aproximação entre Norte e Sul – países ricos e industrializados e países pobres e agrícolas –, que deixasse de lado as diferenças entre Leste e Oeste (socialismo e capitalismo), e investisse na promoção do diálogo, característica fundamental da democracia.

2.2 Dom Helder apoia a guerrilha e desdenha do perigo de uma guerra nuclear?

Na crônica *O mártir sem martírio*, dos parágrafos 11º ao 14º, Nelson Rodrigues abertamente acusa Dom Helder de oferecer apoio à luta armada no Brasil. Lembremos que, no período do Regime Militar, muitos movimentos de guerrilha surgiram como forma de resistência e enfrentamento ao Estado, especialmente depois do Ato Institucional nº 5. Dentre os mais conhecidos estiveram a Ação Libertadora Nacional (ALN) e o Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8). Vejamos o que disse o jornalista:

> Não é possível armar nenhuma dúvida ou sofisma, D. Hélder quer a guerrilha, que é, como se sabe, a guerra suja. Assim a chamam porque não admite prisioneiros e os matam. Considerando que o prisioneiro, como tal, é um inocente, os guerrilheiros matam inocentes. Por aí que se vê que é a mais vil das guerras. D. Hélder a aprova, a justifica e absolve. Condena, sim, os guerrilheiros de salão que fazem pose e não matam ninguém [...] Percorre toda a Europa com o seu ódio turístico. Por onde passa apresenta uma imagem do Brasil, que é a de uma pátria hedionda. Está na mesma linha de outros brasileiros que, lá fora, afirmam que o nosso governo assassinou seis milhões de índios e intelectuais. Mas ele, o candidato da paz, não diz uma palavra contra os terroristas (RODRIGUES, 1970, p. 03).

Nelson Rodrigues seguiu com sua campanha detratora e tentou atingir pontos assaz impactantes quando, por exemplo, pôs em xeque a sensibilidade de Helder Camara quanto a questões de interesse mundial e humanitário, e chegou a sustentar que o religioso não tinha nenhuma preocupação com o uso de armas nucleares. Ao que indica, isolou trechos de falas atribuídas a Dom Helder, quando citou: "o perigo não está numa possível guerra nuclear entre Leste e Oeste, mas no subdesenvolvimento". E o comparou a Mao Tsé-tung, que chamou a bomba atômica de "tigre de papel". (RODRIGUES, 2016, p. 224).

Todavia, podemos demonstrar que, na realidade, a opinião de Dom Helder não corroborava tais alegações. Encontramos, em seu pensamento, categóricas evidências de reprovação à violência como caminho revolucionário quando diz: "longe de mim pregar o ódio, prego o amor. Ao invés de conspiratas e guerrilhas, teimo em acreditar nos métodos democráticos" (CAMARA, 1968, p. 75). Além do mais, demonstrava conhecer os danos causados pelas armas nucleares e suas consequências para o futuro da humanidade, quando expõe: "guerra termonuclear ninguém é louco para deflagrar, agora que bomba nuclear não é mais monopólio de ninguém e agora que se conhecem todas as consequências da radioatividade" (CAMARA, 1968, p. 65).

2.3 Dom Helder, o falsário

Naquele contexto de Guerra Fria, Helder Camara buscou dialogar com países poderosos a fim de sensibilizá-los sobre a necessidade de relações mais igualitárias e sem exploração entre nações ricas e pobres. Por causa disso, percorreu o mundo e enfrentou questionamentos a respeito das fontes financiadores de suas viagens.

Nelson Rodrigues, em tom de reprovação, chegou a dizer que o arcebispo saia de um país para outro como se sai de uma porta para outra. Duvidou das reais intenções de Dom Helder levantar a bandeira da pobreza e, contrariamente, ter dinheiro para tantas viagens. Dizia, no cúmulo do absurdo, que o religioso furava as meias para parecer alguém do povo, mas, na verdade, estaria se utilizando dos miseráveis para se autopromover.

Na linha do bispo falsário e mal intencionado, Nelson Rodrigues acreditava que Dom Helder queria se tornar um mártir, alguém que se sacrificou por uma causa. No entanto, não passava de um "mártir sem martírio". Nessa perspectiva, afirmou em uma das suas crônicas:

> Quer ser preso. Por enquanto, é um mártir sem martírio. E a prisão seria o martírio promocional. Mas o governo tem frustrado todas as suas provocações. Simplesmente, ninguém o prende. Cada quarto de hora de liberdade é um desgaste. Parece-me estar vendo a cena de sua chegada. Desce o Arcebispo de Recife. Caminha. A reportagem o segue. E ninguém lhe dá a sonhada voz de prisão. Espera ainda dois minutos, três. Nada ainda. E, então, deixa os meninos da imprensa, as estagiárias de calcanhar sujo. Senta-se no meio fio e começa a chorar (RODRIGUES, 1970, p. 03).

Entretanto, analisando a vida e a obra de Helder Camara, percebemos que ele esteve no meio do povo, nas favelas, no clamor coletivo das cidades e dos campos, discutindo questões relevantes para a promoção humana em centenas de encontros do episcopado, do clero e do laicato brasileiros, na televisão e no rádio. Demonstrou a dignidade dos pobres e oprimidos com gestos e expressões existenciais de amor. Assim, apresentou-se dizendo: "sou uma criatura humana que se considera irmã de todos os homens, sem exceção de ninguém; um cristão que sabe que Jesus Cristo não morreu apenas pelos cristãos, mas por todos os homens de todas as raças, todos os credos e todas as ideologias" (CAMARA, 1968, p. 72).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora Nelson Rodrigues tenha sido um ferrenho crítico de Helder Camara, eles foram no passado, segundo as palavras do Dom, "amigos muito chegados". Não sabemos ao certo o que provocou o distanciamento entre eles; ao que parece, teve relação com o pedido do cronista ao bispo, quando ainda estava no Rio de Janeiro, para que o ajudasse a convencer os pais de Lúcia, com quem viria a contrair matrimônio, a aceitá-lo como genro. A conversa aconteceu, mas o resultado não foi o esperado, pois saíram do

gabinete do bispo Helder Camara, no Palácio São Joaquim, firmes na desaprovação daquele relacionamento (CASTRO, 1992, p. 331).

Quando se referia a Nelson Rodrigues, Helder Camara costumava dizer que o jornalista era um homem profundamente impulsivo, apaixonado e incapaz de atacar com tanta rudeza sem que não existisse uma amizade profunda. Porque, no íntimo, havia uma amizade da qual ele não se curaria. Dizia: "acho que Nelson Rodrigues investe contra as criaturas com quanto mais rudeza quanto mais no íntimo ele tenha amizade" (CAMARA, 1968, p. 20).

Em suma, tentamos com este trabalho juntar esforços para contribuir com a desconstrução de uma imagem equivocada, a nosso ver, acerca de Dom Helder, quando o rotulam como sendo declaradamente de esquerda e, portanto, um comunista. O que encontramos, acima de qualquer matiz político-ideológico, foi uma vida pautada na tentativa diária de seguir as palavras e o exemplo do Cristo.

Acusaram-no de subversivo, agitador, demagogo, semeador de violência, pró-comunista, 'político'. Entretanto, Dom Helder se converteu, para muitos, no profeta do mundo, em um apaixonado defensor da justiça e da paz, que se mostrou comprometido com a libertação dos países subdesenvolvidos (à época chamados de Terceiro Mundo), um filho fiel da Igreja e militante do evangelho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES. Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1985)*. Bauru: Edusc, 2005.

AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. *História da Igreja no Brasil*: ensaio de interpretação a partir do povo. Tomo 2/3-2: terceira época: 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 1979.

BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? *Contracampo*, Niterói, v. 35, n. 01, p. 07-26, abr./jul., 2016.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

CABRAL, Antônio. *A Terceira Guerra Mundial*. São Paulo: Moderna, 1987.

CAMARA, Helder. *Revolução dentro da paz*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

HELDER. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 40, março/abr. 1968.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

PARADA, Maurício. *Formação do mundo contemporâneo*: o século estilhaçado. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2014.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara*: entre o poder e a profecia. São Paulo: Ática, 1997.

RODRIGUES, Nelson. *A cabra vadia*: novas confissões. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

RODRIGUES, *O anjo pornográfico*: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Cícero Williams da. *Dom Helder Camara e a Sinfonia dos Dois Mundos*. Recife: Bagaço, 2018.